

## EDITORIAL

Estamos finalmente disponibilizando o número 2, volume 6 da Revista Linguagem em Foco. Este é, assim como o anterior, um número de temática livre, o que não nos impede de observar alguns critérios para sequenciar os dez artigos que o compõem.

Os quatro primeiros artigos se aproximam em termos teóricos, na medida em que tomam por base teorias que, grosso modo, podem ser ligadas à Análise do Discurso. Abre a coletânea, **Linguagem, dor e agência: a gramática descolonial dos trabalhadores rurais sem terra**, da autoria de Claudiana Nogueira de Alencar, que relata pesquisa junto a um acampamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST). A autora recorre aos pressupostos da pragmática cultural para discutir o que chama de “terapia da linguagem da mística”, o uso de nomes dos mortos na luta pela terra para denominar os espaços geopolíticos da comunidade. Segue-se a esse outro trabalho também resultante de pesquisa com uma comunidade rural. Em **Sentidos da convivência com a semiaridez em enunciados dos agricultores familiares de Bela Conquista**, Edineide da Silva Ferreira analisa, sob a perspectiva da Análise do Discurso de linha Francesa, a emergência de sentidos no discurso de agricultores de um assentamento rural da Bahia sobre a questão da seca. No terceiro texto, **O Facebook como espaço de luta contra-hegemônica**, Gláucia Maria Bastos Marques analisa o discurso de participantes da Marcha das Vadias, tomando como base a teoria bakhtiniana e a teoria da recepção. Os dados analisados constam de entrevistas sobre o uso da mídia *Facebook* como ferramenta para divulgação dos movimentos sociais. Fechando o bloco, vem o artigo **Nacionalismo e educação: ideologias**, em que Lucineudo Machado Irineu e Kélvya Freitas Abreu partem de uma discussão geral sobre as noções de nacionalismo, educação e ideologia com base em Dewey e Teixeira e recorrem depois a categorias propostas por Dijk para analisar reportagens que tratam do impacto do ENEM na educação brasileira.

Seguem-se a esse primeiro bloco dois textos que tratam especificamente de questões ligadas à formação de professores. No primeiro deles, **Linguística Aplicada e formação de professores: entendendo o tornar-se professor**, Alessandra Silva T. de Melo discute a pertinência de estabelecer relações entre os conceitos da Linguística Aplicada de caráter exploratório e a análise do discurso de professores em formação. A autora dá ênfase à noção de desaprendizagem como uma forma de mostrar como são construídas as identidades de professores nas escolas públicas. No segundo, **Interfaces: identidade de professor e contexto vivencial**, Ida Maria Morales Marins problematiza a relação entre o processo de construção identitária do professor e a prática docente de alunas de Letras em estágio. Além de uma bibliografia voltada diretamente para a formação de professor, a autora usa a teoria bakhtiniana para analisar o discurso das alunas participantes.

Na sequência, vêm dois trabalhos que mesclam questões de formação de professores e questões de ensino de línguas. Em **Crenças de professores de Francês Língua Estrangeira (FLE) sobre o uso do texto literário em sala de aula de cursos de idiomas de Fortaleza**, Elisandra Maria Magalhães e Girlene Moreira da Silva investigam as crenças de oito professores de francês sobre o uso do texto literário como ferramenta para o ensino. Os dados, gerados por meio da aplicação de um questionário, apontam para o reconhecimento desses professores de que a literatura pode funcionar como um recurso importante para melhorar o ensino de francês como língua estrangeira. Já em **Do banco dos réus à carnavalização: uma reflexão sobre o uso das tecnologias de comunicação e informação no contexto brasileiro do ensino de línguas**, Vânia Soares Barbosa, Antônia Dilamar Araújo e Laura Tey Iwakami desenvolvem uma reflexão sobre o uso das TICS no ensino de inglês. Partindo da ideia de que o uso das tecnologias na escola depende do tripé governo, professor e alunos, as autoras destacam a relevância do avanço das tecnologias para as mudanças sociais, mas reconhecem que ainda há um longo caminho a ser percorrido no tocante ao uso dessas ferramentas no ensino da língua inglesa.

Fechando a coletânea, vêm dois trabalhos que enfocam discussões ligadas à gramática. No primeiro deles, **Ensino da transitividade verbal na educação básica: das concepções gramaticais aos manuais didáticos**, Cintia Rodrigues Araújo Coelho, Wilson Júnior de Araújo Carvalho e Cássio Florêncio Rubio enfocam a transitividade verbal estabelecendo uma comparação sobre as abordagens desse fenômeno pela gramática tradicional e pela gramática descritiva. Os autores analisam dois livros didáticos e constatam que, nesses manuais, a transitividade é abordada nos limites da gramática tradicional. No segundo, **B brincando com cores: polissemia em esquemas de composição**, Valéria Fernandes Nunes desenvolve uma discussão com base na Gramática Cognitiva sobre a polissemia. Os dados da pesquisa são resultantes de entrevista com 40 crianças, as quais são desafiadas a comparar pares de expressões em que as cores funcionam ora como substantivos ora como adjetivos.

Aos autores, aos pareceristas e aos revisores, nossos agradecimentos pela relevante contribuição. Aos leitores, nosso convite para que desenvolvam com os textos um diálogo proveitoso.

Maria Helenice Araújo Costa e Rozania Maria Alves de Moraes (Organizadoras)